

A PROPÓSITO: EXISTEM MESMO DIGRESSÕES?

INGEDORE G. VILLAÇA KOCH
UNICAMP

1.

Tem-se postulado com grande freqüência ser uma das condições de coerência de um texto que todos os seus enunciados sejam relevantes para o tópico discursivo em andamento (cf. REINHART, 1980; GIORA, 1985; VAN DIJK, 1983, entre outros); e que, se não for este o caso, ou o texto não é coerente, ou ocorrem as chamadas "digressões"; e, ainda, que estas só não prejudicam a coerência quando vêm explicitamente introduzidas (e, muitas, vezes, também encerradas) por um marcador característico ("bracketin devices"), ou se puderem ser facilmente detectadas como tais pelo interlocutor.

Este posicionamento decorre de duas convicções: a) a coerência está no texto; b) o tópico discursivo é algo estático, capaz de se manter o mesmo por toda a extensão do texto. É por esta razão que se costuma dizer que, no texto conversacional, são comuns as descontinuidades tópicas, podendo ocorrer rupturas mais ou menos sérias relativamente ao tópico em curso. A ruptura provisória, com posterior retorno ao tópico interrompido, é que caracteriza a digressão.

2.

Dascal & Katriel (1979) postulam a existência de três tipos principais de digressão: a) baseadas no enunciado; b) seqüências inseridas; c) baseadas na interação; além do que denomina "quase-digressões" - já que, para eles, a relevância é questão de grau - e procuram mostrar que as digressões não prejudicam a coerência do texto conversacional. Segundo eles, conversações contendo digressões dos vários tipos são experienciadas pelos interlocutores como eventos coerentes e não como "pastiches" verbais. E mais: as digressões desempenham papéis bem definidos na regulamentação e na sustentação da conversação.

No caso das digressões baseadas no enunciado, haveria, se-

gundo os autores, alguma relação - de tipo semântico, associativo ou pragmático - entre o enunciado principal e o(s) digressivo(s): de tipo semântico, porque cada item lexical de um enunciado tem atrelado a si um conjunto próprio de relevância e o interlocutor pode fazer recair o conteúdo de seu enunciado sobre qualquer uma delas, ainda que, naquele contexto, não se trate de relevância focal; de tipo associativo, já que é sempre possível estabelecer relações paradigmáticas de qualquer espécie com elementos evocáveis a partir de um item lexical, uma construção ou mesmo todo o enunciado; e de tipo **pragmático**, visto que, muitas vezes, a digressão relaciona-se a uma implicatura do enunciado e não ao conteúdo explícito dele. Os autores reconhecem, porém, que nem sempre é fácil distinguir, no conjunto de relevâncias, as principais e as marginais, já que se trata apenas de uma questão de grau, isto é, há relevâncias mais centrais do que outras. Daí a dificuldade de distinguir as digressões das "quase-digressões", em que ocorre um deslocamento em direção a relevâncias não-centrais dentro do mesmo tópico: há enunciados que, embora relevantes para o tópico em desenvolvimento, soam como ligeiramente digressivos. É o que acontece com exemplificações, justificativas, generalizações, certos tipos de comparação ou analogia etc que, não sendo necessários para o desenvolvimento do tópico, constituem expansões deste: estão, de alguma forma, relacionados com o tópico principal, mas não como parte legítima de seu desenvolvimento temático, podendo vir a tornar-se verdadeiras digressões, se o parceiro as tomar como tema e elaborar sobre elas.

As seqüências inseridas são seqüências corretivas ou clarificadoras ("side sequences", segundo Jefferson, 1979), baseadas no ouvinte, isto é, constituem resposta a um enunciado anterior não compreendido ou não aceito integralmente pelo interlocutor. Realizam, em geral, uma espécie de função metalingüística ou meta-conversacional.

Já nas digressões baseadas na interação, o segmento inserido não tem qualquer relação com o tópico em curso: elas constituem resposta a alguma modificação imposta de fora à situação comunicativa (ruídos, elementos distrativos de qualquer espécie). Embora, do ponto de vista da continuidade tópica, se apresentem como rupturas e, do ponto de vista informativo, como redundantes, elas não são disfuncionais para o fluxo geral da conversação, sendo experienciadas como eventos coerentes. Elas funcionam numa dimensão diferente: visam a incorporar à conversação elementos exteriores que poderiam constituir ameaças ao envolvimento dos parceiros. São geralmente introduzidas pelo locutor, para garantir o decurso normal da conversação pela reafirmação da disponibilidade dos parceiros. É a dimensão social, consensual, implícita da interação que está em jogo: ao mencionarem explicitamente a ameaça implícita à interação, os

interlocutores constituem tal ameaça como elemento negociável na transação conversacional.

3.

Gostaria de ir ainda um pouco mais além. Se é verdade que as digressões não só não prejudicam a coerência da conversação, como também contribuem para estabelecê-la (já que a coerência, a meu ver, não está somente no texto, mas se constrói na interação entre o texto e seus usuários em cada situação concreta de comunicação - cf. Koch & Travaglia, 1989), parece-me que, na realidade, não tem sentido falar em digressão: bastaria que se modificasse a própria noção de **tópico da conversação**.

Para mim, o tópico conversacional é algo extremamente **dinâmico**, que se vai alterando ou deslocando a cada intervenção dos parceiros. O conjunto de relevâncias em foco em dado momento vai cedendo lugar paulatinamente a outros conjuntos de relevâncias, ligadas a aspectos antes marginais do tópico em desenvolvimento ou a novos conjuntos de mencionáveis que vão sendo introduzidos a partir dos já existentes. Sendo a conversação uma atividade de co-produção discursiva localmente planejada (Marcuschi, 1986), nunca se pode prever com exatidão em que sentido o parceiro vai orientar sua intervenção. É por isso que Franck (1980) refere a existência de encadeamentos fortemente ou fracamente coerentes: a contribuição é fortemente coerente quando seu aspecto significativo essencial se encadeia sobre o aspecto significativo essencial da contribuição anterior do parceiro; e é fracamente coerente quando seu aspecto significativo essencial se relaciona a um aspecto não essencial da contribuição anterior, ou vice-versa (cf. também a distinção de Brown Yule (1983) entre **falar sobre o tópico** e **falar topicamente**).

Ora, o que Dascal & Katriel chamam de digressões baseadas no enunciado e de "quase-digressões" (conforme vimos, não fica muito nítido o limite entre ambas) não seriam, na verdade, segmentos digressivos, mas sim "deslocamentos" naturais e, muitas vezes, necessários, do tópico da conversação. As seqüências inseridas, por seu turno, nem chegam mesmo a alterar o andamento do tópico em curso, já que visam justamente a clarificar ou corrigir algo que, do contrário, poderia prejudicar a inter-compreensão, fazendo, assim, com que a conversação progrida do modo desejado. Finalmente, as digressões baseadas na interação, como bem mostram Dascal & Katriel, servem para incorporar ao enunciado o material externo responsável por distúrbios que poderiam prejudicar a continuidade da interação. Neste sentido, seu principal objetivo é impedir que a interação venha a ser interrompida e garantir que o tópico em curso continue a ser desenvolvido.

4.

O que aqui foi discutido me leva, pois, a questionar as duas convicções citadas no início deste trabalho, responsáveis pela maneira como, até agora, se tem caracterizado as digressões. Primeiro: a coerência não está apenas no texto, mas resulta de uma construção dos parceiros na situação interativa. Segundo: na conversação espontânea, o tópico é algo dinâmico, em constante mutação resultante de deslocamentos, operados pelos parceiros, de relevâncias "centrais" para relevâncias "marginais" ou de determinados conjuntos de relevâncias para outros, devido à introdução de novos conjuntos de mencionáveis na conversação a partir de conjuntos já existentes, ou de qualquer tipo de associação ou de alguma implicatura do(s) enunciado(s) anterior(es). O interesse dos parceiros em que a conversação flua é muitas vezes responsável pela introdução de segmentos aparentemente "digressivos", mas que são derivados do próprio modo como o tópico está sendo desenvolvido ou da situação interativa como tal e, portanto, incorporados ao texto conversacional para garantir a construção de sua coerência. **A propósito: existem mesmo digressões?**

BIBLIOGRAFIA

- BROWN, G. & YULE, G. (1983). *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DASCAL, M. & KATRIEL, T. (1979). "Digressions: a study in conversational coherence". In: J.S. PETÖFI (ed.), *Text vs. Sentence*, Hamburg: Buske, vol.29: 76-95.
- FRANCK, D. (1980). *Grammatik und Konversation*. Königstein: Scriptor.
- GIORA, R. (1985). "Notes towards a theory of text coherence". *Poetics Today*, vol. 6(4): 699-715.
- JEFERSON, G. (1972). "Side Sequence". In: D. SUDNOW (ed.), *Studies in Social Interaction*. New York: Collier-Macmillan, 294-338.
- KOCH, I.G.V. & TRAVAGLIA, L.C. (1989). *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L.A. (1986). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- REINHART, T. (1980). "Conditions for text coherence". *Poetics Today*, vol. 1:4, 161-180.
- VAN DIJK, T.A. (1983). *La Ciencia del Texto*. Madrid: Paidós.